

Os dizentes nos artigos científicos de Linguística – um estudo baseado na Linguística Sistêmico-Funcional e com o auxílio da Linguística de *Corpus*

The Sayers in linguistics' scientific articles – a study based on Systemic functional grammar and Corpus Linguistics

Fernanda Beatriz Caricari de Morais*

RESUMO: Este artigo analisa os tipos de dizentes, participantes agentes dos verbos do dizer, mais utilizados em artigos da área de Linguística, coletados através da plataforma digital Scielo. Como fundamentação teórica e metodologia qualitativa de análise, utilizou-se a Linguística Sistêmico-Funcional, formulada por Halliday (1985, 1994) e Halliday e Matthiessen (2004). A Linguística de *corpus* possibilitou o tratamento computacional por meio do programa WordSmith Tools (Scott, 2008), que fornece dados quantitativos e contextos de ocorrência de determinadas palavras. Ele foi utilizado na análise para o auxílio na busca dos dizentes mais usados nos artigos científicos da área estudada. Os resultados mostram que os dizentes são utilizados para expressar conhecimento de pesquisas anteriores ou de pressupostos da área de pesquisa e o uso de construções com o clítico se promove o afastamento do autor/pesquisador do artigo. Pretende-se contribuir para a elaboração de materiais didáticos e cursos instrumentais que visem à compreensão e produção escrita de artigos científicos.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem Acadêmica. Linguística Sistêmico-Funcional. Linguística de *Corpus*.

ABSTRACT: This article presents an analysis of the types of sayer, participants agent of sayer verbs, used in linguistic scientific articles, collected in the digital platform Scielo. As theory and qualitative methodology, we use the systemic functional linguistics, formulated by Halliday (1985, 1994) and Halliday e Matthiessen (2004). The corpus Linguistics enabled the computational treatment, through the WordSmith Tools (Scott, 2008) program, that provides quantitative data and the context of certain words. It was used in the analysis for helping the search of types of sayer in area studied. The results show that the sayers were used for expressing knowledge about previous researches or knowledge area and the use of constructions with clitic se promotes the dismissal of author/researcher of the scientific article. We intend to contribute for subsidizing the elaboration of course books and courses with emphasis on comprehension and production of scientific articles.

KEYWORDS: Academic language. Systemic functional Linguistics. Corpus Linguistics.

1. Introdução

Este artigo visa analisar os tipos de dizentes, isto é, os agentes dos verbos do *dizer*, em termos tradicionais, mais utilizados em artigos científicos da área de Linguística. Segundo a

* Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP). Realizou estágio pós-doutoral (PNPD/Capes) na Universidade Federal de Uberlândia no período de dezembro de 2013 a Maio de 2014.

abordagem sistêmico-funcional, dizente é o participante (agente) principal do processo verbal que é representado pelos verbos do dizer.

Os processos verbais são verbos de ação verbal, tem relação com fatos da ordem do “*dizer*”. Para Halliday (1994, p.143), esses processos não precisam necessariamente pressupor um participante humano, porém devido a sua alta frequência de uso, no gênero selecionado, julgou-se pertinente investigar suas ocorrências para compreender quem são os dizentes dos processos verbais mais utilizados em artigos científicos de Linguística, buscando seus padrões de usos e verificando se há uma tendência por construções com primeira pessoa do singular e do plural nessa área.

Como hipótese inicial, pensou-se que a maioria das ocorrências estariam ligadas ao uso de “nós” como dizentes dos processos, pois, embora os artigos sejam escritos, muitas vezes, por um único autor, é comum, na área de Linguística, o uso da primeira pessoa do plural indicando falsa modéstia, um recurso para o distanciamento do autor no texto.

Porém, muitas das ocorrências encontradas mostram o uso da terceira pessoa e de construções com o clítico *se* que permitem o afastamento do autor no texto, deixando o texto mais impessoal.

Esses usos impessoais são bastante utilizados em gêneros que exigem uma linguagem mais elaborada, termos de Bernstein (1971), como o artigo científico. A impessoalidade pode ser explicada como um fenômeno característico da linguagem científica, que prima em ser sintética e com foco nas ações, nos processos que envolvem as pesquisas e não em quem as fizeram. Isso explica a relação de modéstia em que o autor se coloca no texto, exigência do gênero e da linguagem. O desfocamento também ocorre quando não é importante mencionar pesquisadores da área, o que não prejudica a compreensão do texto.

O artigo científico, um importante meio de divulgação do trabalho de cientistas, é escrito por membros altamente letrados da comunidade, usando sua variante mais elaborada da linguagem, é escrito e revisado com cuidado, para ser avaliado por pares e aceito ou não para uma revista considerada de alto nível. É um gênero que exige clareza, objetividade e síntese e se caracteriza ainda pelo uso de passiva e de outros recursos para omissão de participantes. Esses aspectos são discutidos por ampla gama de pesquisa sobre esse gênero – alguns expoentes no exterior são Swales (1989, 1990), Swales e Feak (1999), Bazerman (1984), Bhatia (1993), Atkinson (1996) e no Brasil: Aranha (1996, 2002, 2004, 2007), Motta Roth (1995, 2006), entre outros.

Para analisar os dizentes dos artigos científicos de Linguística, foram coletados aleatoriamente 100¹ artigos científicos, retirados de duas revistas científicas que estão disponíveis no Scielo: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (*D.E.L.T.A.*) e Trabalhos em Linguística Aplicada, ambas com Qualis A1.

Os artigos foram submetidos a um tratamento computacional possibilitado pela Linguística de *Corpus* (LC), que se faz presente metodologicamente, nesta pesquisa, através de ferramentas do programa *WordSmith Tools* (Scott, 2008).

Por meio da ferramenta *concord* do referido programa, foram obtidas listas de concordância com os processos verbais mais frequentes (*explicar, discutir e afirmar*), buscando observar seus contextos de ocorrência para analisá-las com a base teórico-metodológica da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1985, 1994) e Halliday e Matthiessen (2004).

A abordagem semântico-funcional se preocupa em explorar como a língua é estruturada para o uso em diferentes contextos. Uma das premissas básicas desta teoria é que o uso da língua é motivado pelas relações sociais e que as escolhas léxico-gramaticais realizadas pelos falantes não são aleatórias e estão condicionadas pelo contexto.

Assim como o gênero artigo científico, os gêneros do discurso são formas de como a linguagem é organizada para alcançar propósitos sociais. As situações específicas que envolvem os gêneros podem ser definidas como cadeias semióticas que estão ligadas aos três tipos de funções da linguagem chamadas por Halliday de metafunções (ideacional, interpessoal e textual), base de análise desta pesquisa, detalhada no item seguinte.

2. A abordagem Sistêmico-Funcional

Esta pesquisa tem como fundamentação teórica a Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) de Halliday (1985, 1994) e Halliday e Matthiessen (2004). A LSF tem como foco a linguagem em uso, por isso sua preocupação é explorar como a língua é estruturada para o uso em diferentes contextos. Halliday (1994) define que uma das premissas básicas da abordagem sistêmico-funcional é que o uso da língua é motivado pelas relações sociais e que as escolhas léxico-gramaticais realizadas pelos falantes/escritores não são aleatórias e estão condicionadas pelo contexto.

¹ Acredita-se que este número de artigos é representativo e possibilita encontrar padrões de usos do dizentes na área pesquisada.

Para a LSF, a análise do discurso compreende dois níveis de alcance: contribuir para a compreensão do texto, visando mostrar como e por que o texto transmite significado da maneira como o faz e relaciona-se com a avaliação do texto, procurando mostrar por que o texto é ou não efetivo para os seus propósitos.

Halliday (1994, p.16) argumenta que uma análise do discurso não baseada em gramática não é uma análise completa, mas um simples comentário sobre o texto. A realização de um texto acontece através das relações semânticas e gramaticais. A gramática é requerida por fornecer uma compreensão clara do sentido e da efetividade de um texto, por isso precisa ter esta orientação semântica e funcional.

Na LSF, funcionalidade significa ser baseada no significado e o fato de ser gramática é entendido como a interpretação das formas linguísticas. Por isso, a gramática separa as possíveis variáveis e aponta suas possíveis funções para podermos dar a nossa interpretação de um texto tanto pela sua descrição semântica, como pelas características linguísticas.

A linguagem é vista como prática social, cujo uso motiva-se por uma finalidade. Nessa perspectiva, a LSF estuda as maneiras pelas quais as pessoas utilizam a linguagem para atingir determinados objetivos em situações específicas dentro de uma sociedade (HALLIDAY, 1985, p. 4). A linguagem é vista como um recurso usado pelos seres humanos para criar significados.

De acordo com essa perspectiva teórica, quando produzimos um texto (oral ou escrito), estamos realizando três tipos de significado simultaneamente. Significados relativos à representação da experiência através da língua; significados relativos às representações de poder e solidariedade, atitudes em relação ao outro e aos papéis sociais assumidos e significados relativos à organização do conteúdo da mensagem, relacionando o que se diz ao que foi dito. Na LSF, cada um desses significados está relacionado a uma metafunção da linguagem, chamadas por Halliday (1985, 1994) de *ideacional*, *interpessoal* e *textual*.

Como o interesse desta pesquisa é investigar os dizentes em artigos científicos de Linguística, concentrou-se na metafunção ideacional da linguagem, também chamada experiencial, que expressa o que está acontecendo no mundo externo (eventos) ou interno (pensamentos). Esta metafunção estuda a oração como representação, ou seja, estuda seu aspecto como um meio de representar padrões de experiência e reflete como o usuário fala sobre as ações, a situação, estados, crenças e circunstâncias (HALLIDAY, 1994, p.107).

A oração tem um papel central, pois é nela que se incorpora um princípio geral de modelagem da experiência, que é o princípio de que a realidade é construída através dos processos, dos participantes e das circunstâncias.

Thompson (1996, p.76), com base em Halliday (1985, 1994), discute que a linguagem, na perspectiva experiencial, forma uma série de recursos para se referir às entidades no mundo de forma que essas entidades atuem ou se relacionem umas com as outras. O autor simplifica dizendo que a linguagem reflete a nossa visão de mundo, constituída por: processos, participantes e circunstâncias.

Na visão sistemicista, a impressão mais poderosa que temos da experiência é de que ela consiste de eventos (acontecer, fazer, sentir, significar, ser e tornar-se). Todos esses eventos estão organizados na gramática da oração e o sistema gramatical pelo qual isso é alcançado é o da transitividade. De acordo com Halliday (1994), é o sistema da transitividade que constrói o mundo da experiência em um conjunto manipulável de tipos de processo. O processo, os participantes e as circunstâncias constituem o sistema da transitividade. A oração, nesta perspectiva, possibilita ao falante, através das escolhas dos processos (ações), dos participantes (pessoas ou coisas) e das circunstâncias (advérbios), expressar-se perante o mundo. Os processos são divididos em: materiais (fazer), mentais (pensamento), verbais (dizer), comportamentais (comportamentos físicos e psicológicos), relacionais (ser) e existenciais (haver).

Como esta pesquisa analisa os dizentes utilizados com os processos verbais mais frequentes (*explicar, discutir e afirmar*), é apresentado, no item seguinte, as particularidades desses processos, segundo a abordagem Sistêmico-Funcional da Linguagem.

2.1 Processos verbais

Os processos verbais são os de *dizer*. Halliday e Matthiessen (2004, p. 252) apontam que seu uso é importante em vários tipos de discurso como nas narrativas e no discurso acadêmico, por exemplo. Eles permitem projeção através de (1) citação (discurso direto) ou (2) reportagem (discurso indireto) de pesquisadores antecessores e teóricos. Também são usados para mostrar o posicionamento do autor por meio de verbos como: *explicar, discutir e afirmar*, por exemplo.

Ao contrário dos processos mentais (ligados à representação do pensamento), os verbais não requerem um participante consciente. O participante, chamado de Dizente, pode ser qualquer coisa.

Ao projetar uma oração, pode-se ter uma proposição (troca de informações) como em: *Ele me disse que teria jogo à noite* ou uma proposta (troca de bens e serviços): *Ele me disse que irá me buscar para ir ao jogo à noite*.

Além de serem processos que podem projetar, os verbais possuem outros três tipos de participantes além do Dizente, são eles:

- Receptor: representa o participante a quem é dirigida a mensagem, como em: *Não me disseram que você viria*².
- Verbiagem: é a função que corresponde àquilo que é dito, pode ser o conteúdo do que é dito, como *suas sugestões* em: *Ela explicou suas sugestões para o trabalho*, ou, ainda, o nome do dito, como *palavra* em: *Não diga mais uma palavra*.
- Alvo: é a entidade que é focalizada pelo processo de dizer. Nesse caso, é como se o Dizente estivesse agindo verbalmente sobre o outro, como *Maria* em: *Ele criticou Maria durante a reunião*³.

Estes três últimos participantes têm papel importante na oração, porém, como o foco deste trabalho é compreender os tipos de participantes que têm papel de agente nas orações verbais, analisou-se apenas os dizentes.

3. O uso da Linguística de *Corpus*

A Linguística de *Corpus* (LC) se encontra presente metodologicamente, neste artigo, através das ferramentas computacionais utilizadas para analisar as escolhas linguísticas dos artigos científicos da área Linguística. A LC trabalha dentro de um quadro conceitual formado por uma abordagem empirista e uma visão da linguagem enquanto sistema probabilístico, no qual alguns traços linguísticos são mais frequentes que os outros, conforme discute Berber-Sardinha (2000, p. 349).

² Exemplo criado para fins explicativos.

³ Exemplo criado para fins explicativos.

A LC fornece um mapeamento regular entre a frequência maior ou menor de um traço e o contexto de ocorrência, há uma relação entre as características linguísticas e as situacionais (os contextos de uso).

Para Biber et al. (1998, p. 9), a abordagem baseada em *corpus* é bastante útil, uma vez que “[...] quase todas as áreas da linguística podem ser estudadas a partir da perspectiva do uso, e a abordagem baseada em *corpus* fornece um conjunto de instrumentos particularmente eficaz para tais investigações”.

Segundo Berber-Sardinha (2004, p. 34), a Linguística de *Corpus* fornece um suporte metodológico adequado às pesquisas que utilizam a Linguística Sistemico-Funcional, por também trabalhar dentro de uma visão de linguagem enquanto sistema probabilístico.

A LC possibilita o estudo das regularidades lexicais, possibilitando estudos sistemáticos, a partir de *corpus*, descrevendo os tipos de associação frequentes encontrados na língua em uso.

3.1 O *corpus*

Para realizar esta análise, utilizamos 100 artigos de Linguística que fazem parte do Projeto SAL⁴ coletados no período de 2000 a 2007. Os artigos foram coletados através da internet pelo *site Scielo* e gravados em arquivos individuais no formato *txt*, formato que permite seu uso no programa *WordSmith Tools* (SCOTT, 2008).

A seguir, apresentamos uma tabela com as principais características do *corpus*:

Tabela 1: Resultados estatísticos dos *corpora*

Estatísticas	Total
Total de palavras	873.523
Palavras diferentes ⁵	35.841
Número de palavras do menor artigo	2.086
Número de palavras do maior artigo	15.454

O *corpus* foi submetido a um tratamento computacional possibilitado pela LC, que se faz presente metodologicamente, nesta pesquisa, através de ferramentas do programa *WordSmith Tools* (SCOTT, 2008).

⁴ O projeto SAL - *Systemics Across Language*, é desenvolvido em parceria com pesquisadores da China, Argentina, México e Tailândia que procuram entender as características específicas e universais que partilham as línguas. No Brasil, o foco do projeto é estudar a linguagem acadêmica.

⁵ Número de itens lexicais sem suas repetições.

Foram utilizadas duas das suas principais ferramentas para a análise: a lista de palavras (*wordlist*) e o concordanciador (*concord*). A primeira foi utilizada para organizar o *corpus* em listas das palavras. Elas podem ser ordenadas alfabeticamente ou pela frequência com que aparecem, começando pela palavra de maior frequência. Por meio dessa mesma ferramenta, foram obtidos dados estatísticos dos textos, como os dados da tabela acima. Ela ajudou tanto na organização dos dados estatísticos como na análise dos processos verbais mais frequentes utilizados nos artigos científicos.

Foram procurados, nas listas de palavras, os processos verbais mais utilizados nos artigos e observados os contextos em que eles ocorrem através do concordanciador. Nas concordâncias, a palavra de busca aparece destacada e no centro do contexto em que ocorre - chamado de horizonte. Concentrou-se em um horizonte de cinco palavras à direita e cinco palavras à esquerda, mas, sempre que necessário, foi visto um contexto maior incluindo todo um parágrafo ou o texto como um todo.

Através das listas de concordância foi possível estudar o contexto de ocorrência das palavras de busca simultaneamente em todo o *corpus*. A análise, apresentada no item seguinte, está baseada na Linguística Sistemico-Funcional, que é uma teoria de linguagem e um método de análise de textos em seus contextos de uso permitindo-nos entender como os indivíduos usam a linguagem e como a linguagem é estruturada em seus diferentes usos (HALLIDAY, 1994).

4. Análise dos dizentes utilizados em artigos científicos de Linguística

Para entender como os dizentes são utilizados nos artigos de Linguística, foi necessário analisar os participantes das ocorrências com os processos verbais mais frequentes – *explicar, discutir e afirmar*⁶.

A tabela abaixo apresenta o número de ocorrências de cada processo, o número total de ocorrências analisadas e sua porcentagem no *corpus*:

⁶ Outros processos verbais frequentes: *apontar, mostrar, referir, falar, explicitar, ressaltar, citar*, entre outros que não são o foco deste estudo.

Tabela 2: Dados dos processos verbais analisados.

Processo	No. de ocorrências	% no <i>corpus</i>
Afirmar	267	0,05%
Explicar	257	0,05%
Discutir	212	0,04%
Total	736	0,14%

Listas de concordâncias foram feitas e as ocorrências foram agrupadas de acordo com o tipo de dizente. Ao contabilizá-las, foi possível organizar os usos mais frequentes na figura abaixo:

	Explicar				Discutir				Afirmar			
	H	N	A	S	H	N	A	S	H	N	A	S
1ª p. sing. Pres. do ind.	1	-	-	-	4	-	-	-	2	-	-	-
1ª p. pl. Pres. do ind./perf. do ind.	1	-	-	-	15	-	-	-	8	-	-	-
1ª p. sing. Perf. do ind.	0	-	-	-	0	-	-	-	2	-	-	-
3ª p. sing. Pres. do ind.	97	13	-	2	22	17	-	18	115	13	-	2
3ª p. pl. Pres. do ind.	3	12	-	2	9	4	-	6	25	-	-	-
3ª p. sing. Perf. do ind.	2	1	-	-	3	-	-	2	6	-	-	3
3ª p. pl. Perf. do ind.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Infinitivo	31	45	-	20	49	7	-	9	53	6	-	26
Part. passado	1	18	8	-	7	0	40	-	1	-	5	-
Total	136	89	8	24	109	28	40	35	212	19	5	31

Figura 1: Formas verbais mais utilizadas com os processos *explicar*, *discutir* e *afirmar*.

As letras correspondem a: H: participante humano; N: participante não-humano; A: apagamento do agente (em construções passivas analíticas); e S: uso do clítico *se*. Como se pode notar, as formas que representam o autor no artigo, 1ª pessoa do singular e do plural, são menos usadas do que a 3ª pessoa, o que demonstra que, neste gênero acadêmico, as representações estão relacionadas à busca pela neutralidade, característica dos discursos científicos.

Como hipótese inicial, pensou-se que haveria muitas representações do “eu” (autor do artigo) ou “nós”, conforme mencionado na introdução deste artigo, porém foram encontradas muitas ocorrências que representavam pesquisadores antecessores que são mencionados nos artigos para dar maior credibilidade ao trabalho ou serem contestados na argumentação.

Na seção revisão da literatura/fundamentação teórica, é esperado que o pesquisador faça menções aos pesquisadores/teóricos de sua área de estudo, situando sua pesquisa na área, ao mesmo tempo que a diferencia das já realizadas. A representação, segundo Rajagopalan (2003), não é algo que se dá automaticamente, ela passa por certas escolhas conscientes. A questão da escolha é uma questão-chave quando se discute política de representação. Dessa maneira, é importante analisar as representações feitas no gênero artigo científico, compreendendo-as como questão linguística e também política, questões estas consideradas indissociáveis para o autor citado.

Nesta análise, propõe-se a discutir as escolhas linguísticas feitas pelos autores dos artigos através dos dizentes, mostrando quais são as tendências de escrita da área.

Abaixo, algumas das ocorrências encontradas com 1ª pessoa do singular e do plural que mostram que parece haver um movimento na área que utiliza formas mais pessoais para a construção da identidade do pesquisador:

- 1) *As alterações sugeridas no nível pragmático-discursivo implicam em algumas modificações na materialidade textual, pois, como **afirmei** anteriormente, as categorias caracterizadoras de gêneros são semiótizadas via funções da linguagem no sistema linguístico. (Ling003).*
- 2) *Na segunda [parte], **discuto** os mecanismos alternativos de negação oracional no português do Brasil. (Ling054).*
- 3) *Na primeira parte, na medida em que **explico** os principais referenciais teóricos utilizados neste texto, analiso o jornal escolar enquanto um gênero híbrido. (Ling006).*

Ao contrário de algumas áreas da ciência (ciências duras) que repudiam a construção da identidade social do autor no discurso, na área da Linguagem há claramente uma tendência de mudança em que é permitido ao autor se representar no texto.

Muitas das ocorrências de 1ª pessoa do plural indicam o uso da modalidade, conforme sublinhado nas ocorrências abaixo:

- 1) *Apesar do destaque dado ao contexto, conforme se verifica no trecho acima, **podemos afirmar** que um limite da pragmática griceana é exatamente o não tratamento desta noção. (Ling032).*
- 2) ***Podemos** também **afirmar** que o uso das regras para implementação rítmica não ocorre no início do processo de aquisição. (Ling007).*
- 3) *Também **podemos explicar** a diferença entre as sentenças abaixo. (Ling049).*
- 4) *Desta maneira, **podemos explicar** o motivo de não haver violação do princípio Minimizar. (Ling006).*
- 5) *Assim como no caso das crianças em fase de construção de sua identidade social, **podemos discutir** as questões identitárias inerentes, por exemplo, à carta do guarda municipal: em que medida a incorporação total ou parcial do *ethos* interfere na identidade social do guarda municipal? (Ling012).*

As ocorrências acima são acompanhadas do adjunto modal de baixo grau *pode*, utilizado para indicar possibilidade, atenuando afirmações no discurso. Para Fairclough (2001, p. 180), a modalidade trata da relação entre os produtores e as proposições, de comprometimento ou, inversamente, do distanciamento entre produtores e proposições.

O sistema de modalidade, ligado aos significados interpessoais, revela o grau de engajamento, envolvimento e responsabilidade que um indivíduo assume diante de uma declaração, ou grau de polidez em propostas ou declarações em um evento de comunicação (HALLIDAY, 1994, p. 85-105). A modalidade pode ser representada de diversas formas tais como: adjuntos conjuntivos, adjuntos modais e operadores modais (HALLIDAY, 1994, p. 49).

Os usos das ocorrências acima indicam possibilidade, atribuindo baixo grau de responsabilidade aos sujeitos representados nas orações, evitando comprometimento das afirmações dos autores nos artigos.

Fairclough (2001, p. 203) discute o discurso acadêmico que possui tradição em evitar a modalidade categórica (X é Y), por motivos retóricos, motivados pelas projeções de uma subjetividade e um *ethos* cautelosos e circunspectos aprovados para acadêmicos e não por baixa afinidade com as proposições.

As ocorrências de 3ª pessoa são maioria (com os processos *explicar* e *afirmar*), conforme Tabela 2, no entanto, a escolha de seus participantes permite separar as ocorrências

em dois grupos. O primeiro deles é o de participantes humanos - autores/pesquisadores antecessores. Ao reportar o discurso/pesquisas de outros, o autor do artigo embasa sua pesquisa:

- 1) *Berber Sardinha* (2004:42) **explica** que a colocação é uma "associação entre itens lexicais, ou entre o léxico e campos semânticos". (Ling029).
- 2) *Ainda sobre a flexibilidade da pontuação em relação ao gênero, Halliday* (1989:37-38) **explica** que há registros em que a pontuação é reduzida ao mínimo, como na linguagem legal. (Ling075).
- 3) *Scarpa* (1997, 2001) é a única que conhecemos que **discute** a aquisição de processos fonológicos que têm consequências para a estrutura rítmica. (Ling007).
- 4) O autor **afirma** que não há polêmica a respeito da existência destes mecanismos: a questão é a análise deste "conhecimento". (Ling032).

O segundo grupo é formado por ocorrências em que o participante representado não é humano, mas sim uma teoria ou a própria pesquisa sendo referenciada:

- 1) Ao contrário, a *ADC* **afirma** que o linguístico é social (Kress 1989). (Ling104).
- 2) No entanto, a *linguística cognitiva* **afirma** que as metáforas são de textura aberta (*open-ended*), não estando esse mapeamento sujeito a restrições. (Ling091).
- 3) Cabe, então, à *teoria* **explicar** como tais gramáticas são construídas e operadas pela própria mente humana (Ling018).
- 4) Este *trabalho* pretende **discutir** uma possível abordagem marxista da linguagem apresentando sumariamente a concepção de linguagem de alguns autores confessadamente marxistas (Ling061).
- 5) Este *trabalho* **discute** a legitimação do funcionamento do literário nesse tipo de ensino porque considera que os próprios conceitos genéricos tradicionais de literatura com que ainda se opera não são consistentes com o que exige a prática pedagógica. (Ling030).

As escolhas feitas nas ocorrências acima, ao representar a teoria e não o teórico e ao representar o trabalho/a pesquisa ao invés do pesquisador mostram a característica do discurso

acadêmico em não enfatizar a representação humana por ser desnecessária, podendo ser retomada no contexto do artigo, ou, podendo ser inferida pelo leitor.

No discurso da ciência, é importante representar o mundo em forma de “coisas”, incluindo entidades virtuais que podem ser trazidas se requeridas ao discurso. Algumas dessas entidades são construtos teóricos, enquanto outras funcionam como localizadas no argumento e depois desaparecem. Simbolicamente, o discurso da ciência representa o mundo em nomes, em coisas estáveis enquanto são observados em experimentos e medidos e pensados/compreendidos (HALLIDAY, 2004, p. 21).

Chama-se atenção no discurso acadêmico, o frequente uso do clítico *se*, utilizado para desfocar ou apagar os participantes do discurso. Em pesquisas anteriores, Morais (2013a, 2013b), artigos de diversas áreas da ciência foram analisados e constatou-se que há três categorias de usos do clítico *se* em artigos científicos: *se* em construções agnatas; *se* em construções com desfocamento de participante e *se* em construções médias⁷. As ocorrências encontradas nos artigos de Linguística se referem à segunda categoria, de desfocamento de participantes. O termo desfocamento foi mencionado pela primeira vez por Shibatani (1985) que, embora não tenha estudado a língua portuguesa, estudou as formas de *desfocamento de Agente* em muitas línguas como: ainu, chamorro, turco, quéchua, espanhol, francês e japonês, e discutiu a falta de atenção com as funções do *desfocamento*.

Para Shibatani (1985, p. 832), o desfocamento é a função primária e não uma mera consequência da promoção do objeto/paciente. Nas ocorrências encontradas nos artigos de Linguística, não temos o agente explícito, isto é, não se sabe ao certo quem é o dizente, mas as circunstâncias grifadas permitem pensar que o participante da ação é o autor/pesquisador do artigo:

- 1) *Na seção 1, apresenta-se a delimitação dos dados analisados; na seção 2, explica-se o status prosódico do prefixo.... (Ling057).*
- 2) *Com esta análise, discute-se a questão da (não) codificação gramatical do imperativo no português brasileiro por meio da sintaxe da negação e dos clíticos... (Ling 01).*
- 3) *O português tem sido considerado uma língua SVO, como já se afirmou no início deste trabalho. (Ling089).*

⁷ Para maiores detalhes vide trabalho de Morais (2013a e 2013b).

4) *Neste artigo, discute-se a percepção de alguns estudiosos de que a pontuação demarca aspectos rítmicos da linguagem. (Ling84).*

Estes tipos de circunstâncias *na seção 1, com esta análise, no início deste trabalho e neste artigo* restringem a participação apenas ao autor que, nestes casos, é o Dizente dos verbos *explicar, afirmar e discutir*.

Apesar do dizente estar apagado na oração, as circunstâncias, destas ocorrências, indicam que a participação pode ser pressuposta com base na análise do contexto.

Sabe-se que muitos dos estudos sobre o clítico *se* em língua portuguesa estão ligados às discussões sobre a diferenciação entre índice de indeterminação do sujeito e partícula apassivadora.

Segundo as gramáticas tradicionais da língua portuguesa, o *se* deve ser classificado como partícula apassivadora, quando acompanhado de verbo transitivo direto, podendo ter sujeito definido simples, que deve concordar com o verbo que se encontra na voz passiva sintética, ou índice de indeterminação do sujeito, quando acompanhado de verbos intransitivos, transitivos indiretos ou de ligação, que devem ser empregados na terceira pessoa do singular.

Por se tratar de uma análise puramente formal, não possui explicações funcionais que levem em consideração questões semânticas. Construções como *Vende/compra-se casas* são consideradas incorretas gramaticalmente, segundo livros didáticos e gramáticas tradicionais. Estudiosos como Nunes (1991), Monteiro (1994), Bagno (2000) e Camacho (2002, 2003) constataram que elas ocorrem com frequência tanto em linguagem popular como culta.

Em outras línguas, espanhol, italiano e francês, há muitas discussões sobre impessoalidade e passividade. No espanhol, Suñer (2002, p. 211) discute que as construções com *se* impessoal acarretam a interpretação de um predicado como se aplicando a um conjunto não específico de seres humanos, representado pelo *se*. No italiano, Cinque (1988) analisa o papel do *si* impessoal, propondo variantes ligadas a seu uso como um sujeito genérico. Ruwet (1972) estudou a língua francesa, classificando alguns tipos de orações sem Agente como neutras.

Essa compreensão não pode ser baseada na análise do verbo principal, se é transitivo direto (partícula apassivadora) ou intransitivo, transitivo indireto ou de ligação (índice de indeterminação do sujeito). É preciso se atentar para as escolhas léxico-gramaticais e, principalmente para o contexto em que ocorrem, para assim compreender o significado do *se*

que pode permitir diferentes desfocamentos de participante – do autor/pesquisador ou de pesquisadores da área ou, ainda, de pessoas de modo geral. Os estudos citados, bem como outros, são discutidos em Morais (2013a e 2013b) que propõe uma nova reclassificação levando em conta os contextos das ocorrências.

5. Considerações Finais

Os dados analisados permitem dizer que as construções verbais, mais especificamente, as escolhas dos dizentes dos processos *explicar*, *discutir* e *afirmar* são utilizados para expressar conhecimento de pesquisas anteriores ou de pressupostos da área de pesquisa, dando maior credibilidade ao estudo.

A escolha dos dizentes também é acompanhada do uso da modalidade, através do uso de adjuntos modais, indicando possibilidade, atenuando afirmações no discurso. Muitas das ocorrências de 1ª pessoa do plural indicam o uso da modalidade, como discutido na seção de análise deste artigo, com ocorrências do adjunto modal de baixo grau *pode*.

O uso de construções com o clítico *se* favorece o desfocamento do autor, porém as circunstâncias e, principalmente, o contexto de ocorrência permitem pressupor o envolvimento do autor do artigo, revelando resquícios de sua participação.

Acredita-se que ficou demonstrado, neste artigo, que a função primária das construções chamadas indeterminadas e passivas não é a promoção do objeto a sujeito, mas sim a desfocalização do Agente (participante, em termos sistêmico-funcionais) que permite diferentes graus de desfocamento, conforme proposta de Morais (2013a). Como já propunha Said Ali (1908), essas construções com *se* são formas destinadas a calar o Agente.

É importante dizer que os dados também apontam uma tendência de mudança em que é permitido ao autor se representar no texto, permitindo a construção da identidade social do autor no discurso. Como estudo futuro, pretende-se analisar se esta tendência também ocorre em outras áreas da ciência ou se está presente apenas na área de humanas e/ou Linguística.

Referências

- ARANHA, S. **A argumentação nas introduções de trabalhos científicos na área de Química**. Dissertação de Mestrado. PUCSP, 1996.
- ARANHA, S. A otimização da escrita acadêmica através da conscientização textual. **Estudos Linguísticos** (São Paulo), São Paulo. v. 1, 2002.

ARANHA, S. A importância do domínio da língua inglesa e da linguagem acadêmica para a leitura e escrita de textos científicos. **Interciência** (Catanduva), Catanduva - SP, v. 1, p. 77-84, 2004.

ARANHA, S. A busca de modelos retóricos mais apropriados para o ensino da escrita acadêmica. **Revista do GEL** (Araraquara), v. 4, p. 97-114, 2007.

ATKINSON, D. The Philosophical Transactions of the Royal Society of London, 1675-1975: A sociohistorical discourse analysis. **Language in Society**, v.25, pp. 333-371, 1996. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1017/S0047404500019205>

BAGNO, M. A “subversão herética” do ensino de língua. In: Bagno, M. **Dramática da Língua Portuguesa**: tradição gramatical, mídia e exclusão social. São Paulo: Loyola, 2000.

BAZERMAN, C. Modern evolution of the experimental report in Physics: spectroscopy articles in Physical Review, 1893-1980. **Social Studies in Science**, 14:163-196, 1984. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1177/030631284014002001>

BERBER SARDINHA, T. Semantic prosodies in English and Portuguese: A contrastive study. **Cuadernos de Filología Inglesa**. V.9, 1:93-100. Murcia, Spain. 2000.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. Barueri-SP: Manole, 2004.

BERNSTEIN, B. **Class, code and control**. v.1. Londres: Routledge e Kegan Paul, 1971. **crossref** <http://dx.doi.org/10.4324/9780203014035>

BHATIA, V. K. **Analysing genre**: language use in professional settings. Longman, 1993.

BIBER, D. et al. corpus **Linguistics**: investigating language structure and use. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511804489>

CAMACHO, R. G. Construções de voz. In: Abarirre, M. B. e Rodrigues, S. C. A. (org). **Gramática do português falado**. v. 8, pp. 227-316. Campinas: Editora Unicamp, 2002.

CAMACHO, R. G. Em defesa da categoria de voz média no Português. **D.E.L.T.A.**, v. 19.1, pp. 91-122, 2003.

CINQUE, G. On si constructions and the theory of Arb. **Linguistics inquiry**. V. 19, 4, pp. 521-581, 1988.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

HALLIDAY, M.A.K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. **The language of science**. New York: Continuum, 2004.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 2004.

MONTEIRO, J. L. A questão do se. In: Monteiro, J. L. **Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil**. Fortaleza: EUFC, 1994.

MORAIS, F. B. C. **Entre alhos e bugalhos: os diferentes usos do clítico SE na escrita acadêmica**. Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. PUC-SP, 2013a.

MORAIS, F. B. C. As construções médias nos artigos científicos de linguística. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v.14, n.2, 2013b.

MOTTA-ROTH, D. **Rethorical features and disciplinary cultures. A genre based study of academic book reviews in linguistics, chemistry and economics**. Tese de Doutorado. UFSC, 1995.

MOTTA-ROTH, D. Escrevendo no contexto: contribuições da Linguística Sistêmico-Funcional para o ensino de redação acadêmica. **Paper presented at the 33rd International Systemic Functional Congress**. PUC-SP, 2006.

NUNES, J. Se apassivador e se indeterminador: o percurso diacrônico no português brasileiro. **Caderno de Estudos Linguísticos**, V. 20, pp. 33-59, 1991.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica – linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RUWET, N. **Les constructions pronominales neutres et moyennes. Théorie syntaxique et syntaxe du français**. Paris: Seuil, 1972.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1908.

SCOTT, M. R. **Wordsmith Tools v. 5**. Software for text analysis. Oxford: Oxford University Press, 2008.

SHIBATANI, M. Passives and related constructions: a prototype analysis. **Language** 61:4. pp. 821-848, 1985.

SUÑER, M. Las passives con se impersonal y la legitimación de las categorías vacías. In: Lopes, C. S. **Las construcciones com se**. Madri: Visor libros, 2002.

SWALES, J. M. Language and scientific communication: The case of the reprint request. **Scientometrics**, v.13, pp. 93-101, 1989. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1007/BF02017177>

SWALES, J. M. **Genre analysis – English in academic and research settings**. Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J. M. e FEAK, C. B. **Academic writing for graduate students**. Michigan: The University of Michigan Press, 1999.

THOMPSON, G. **Introducing functional grammar**. London: Arnold, 1996.

Artigo recebido em: 15.09.2014

Artigo aprovado em: 27.11.2014

Letras & Letras